

dermos, o escopo anelado por todos os dirigentes universais e, um dia, como imperativo de sucessão no trono de Pedro, o camponês Angelo Roncalli é chamado a ocupá-lo. Qual o nome que escolhe para caracterizar-se como Papa? João XXIII; João, talvez por ser um nome comum na Itália; Giovanni, por ser um nome do povo, Giovanni porque assim seria fiel às suas origens, conforme Sotto il Monte igual a toda a gente italiana e igual a toda a humanidade. E é marcado de simplicidade o seu pontificado. Se o seu antecessor, o grande Pio XII, serviu a Deus com a plenitude e a pujança de sua inteligência incomparável, João XXIII preferiu entregar-se ao Criador com toda humildade de um homem, igual aos outros, fazendo-se um simples instrumento da divina vontade, permitindo que a Providência Divina dele fizesse o que melhor lhe aprouvesse; preferiu servir a Deus servindo aos homens, por reconhecer em cada um dos homens a presença de Deus. E é em todo o instante, no seu pontificado, que ele manifesta a sua querença pelos camponeses e pela sua Sotto il Monte.

O início do pontificado de João XXIII foi assinalado pela sua primeira carta. — Ad Petris Cathedra —, na qual o Sumo Pontífice, mostrando-se um homem profundamente embebido no amor dos homens, na caridade cristã, preconiza a realização do Concílio Ecumênico.

E daí então, inicia a sua grande caminhada, o seu grande convite a toda a humanidade, para que tomemos parte na luta pela justiça. Rejeitou, por certo, aquele primeiro objetivo dos homens, o da coexistência pacífica. Certamente por saber que os livros coexistem pacificamente numa estante e que as pedras, no fundo dos rios, também coexistem no sentido filosófico, e que nós, os homens, não devemos apenas coexistir, mas devemos conviver pacificamente. É a luta pela implantação da justiça, da justiça distributiva, reclamando dos Estados os seus deveres, na medida em que é lícito a um Sumo Pontífice levar a César o espírito de Deus, reclamando dos homens, nas relações mútuas, a justiça comutativa aos Estados, aos homens, às nações individualmente e a todo o universo, naquela justiça geral de que fala São Tomaz de Aquino, ou seja, da justiça social que haverá de assinalar o mundo cristão, para que dele então nasça o objetivo segundo da "Mater et Magistra", a "Pacem in Terra" — Paz, fruto da justiça — porque, Srs. deputados, a coexistência pacífica pode ser conseguida através do temor, do medo. E os romanos já diziam que quem quer a paz deve preparar-se para a guerra. E por certo, a humanidade armada, uns infundirão temor aos outros e o temor mútuo determinará a paz aparente, que não é a tranquilidade da ordem, mas a contenção da humanidade e das ações.

Só através da implantação da justiça, do respeito de um para com os outros, das nações para com as outras nações, dos empresários para com os seus empregados, do reconhecimento da vontade do próximo, da vontade constante e perpétua de dar a cada um, seja quem for, o que lhe é devido, poderá nascer a paz.

E foi por isso, talvez, que João XXIII, na luta pela coexistência pacífica, para parafrasear a sua maior Encíclica, foi a um só tempo Pai e Mestre. Pai, quando visitava os prisioneiros, levando ao cárcere o conforto, as bênçãos, a presença do Pontífice máximo da Igreja de Deus; quando adentrava os hospitais, para levar o conforto, o bem-estar à cabeceira dos enfermos; e quando se atormentava pela vontade santa de servir os pequeninos, garantindo-lhes justiça.

Foi sem dúvida nenhuma, o Papa João XXIII, o "Papa da Paz" mas foi antes de ser o Papa da Paz, o Papa da justiça, o Papa que reclamou o convívio e a coexistência pacífica das nações e que, para fazê-lo, soube condenar o mundo colonialista, sabendo que no mundo colonialista as nações não poderiam conviver pacificamente e não poderia haver entendimento.

Foi ele o "Papa da Paz", mas "Papa da Paz" que exigiu reformas, porque sabe que o explorado não pode conviver com amor perante os exploradores. Exigiu reformas que buscassem a integração do trabalho na empresa econômica e que tornassem a empresa um instituto de cunho verdadeiramente institucional onde nela o trabalho se integrasse perfeitamente. Foi, portanto, o Papa reformador. E toda a Humanidade assim pensa. Que toda a Humanidade assim pensa é testemunha a filiação do mundo, que assistia às suas horas derradeiras. Apenas houve uma notícia do mal-estar do Sumo Pontífice e todo o mundo principiava por preocupar-se.

Telegramas de toda parte chegavam ao Vaticano, aos altos dignitários da Igreja. Comoveu a tal ponto a Humanidade que disse alguém na Praça de São Paulo, quando interpelado por um repórter, que lhe perguntava: "O que está fazendo?": "Se um alien pode orar, eu oro neste instante pela saúde do Papa João XXIII". Comoveu de tal forma a Humanidade, que toda ela se uniu à Santa Igreja e à sua família, à sua cabeceira de enfermo. A sua morte Srs. deputados, teve sem dúvida o sentido e a significação de uma glorificação. Todo o Universo se compungiu. De todos os Estados partiram condolências para a cidade do Vaticano. Todas as religiões fizeram chegar aos católicos os seus pesames sentidos. Sem dúvida alguma, a vida e a morte do Papa João XXIII são o sinal da promessa evangélica, segundo a qual haverá um dia um só rebanho e um só pastor. (Muito bem! — Palmas).

O SR. PRESIDENTE — Falará pelo Partido Rural Trabalhista, o nobre deputado Gustavo Martini, que está com a palavra.

O SR. GUSTAVO MARTINI — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, Srs. representantes do clero, Srs. deputados, procuramos, dentro do mais íntimo do nosso ser, as palavras adequadas para podermos expressar os sentimentos que dominam a nossa alma diante do luto que passou a cobrir a Humanidade inteira após a morte de S. S. o grande, inolvidável e eterno — dentro dos nossos corações — Papa João XXIII.

Procuramos as palavras e não as encontramos apropriadas para poderem significar, em toda a sua plenitude, a tristeza e o vazio deixados pelo falecimento de uma criatura que tanto e tão bem soube encarnar, em sua intensa e sublime bondade, os mais elevados e nobres sentimentos cristãos pregados pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Quatro dias e quatro noites durou a agonia do Sumo Pontífice. Quatro dias e quatro noites em que a Humanidade inteira viveu uma expectativa angustiosa, um clima dolorido e aflito que dominou por completo os corações dos povos e que culminou com o intensificar das preces em louvor à memória do grande Papa, quando sua alma abandonou a terra e passou à moradia de glória junto ao Senhor.

Além daquelas ministradas durante os anos do seu notável pontificado, o Papa João XXIII soube ministrar lições de amor e resignação até em seu leito de morte. Sua agonia representou, em verdade, uma verdadeira lição de como deve um cristão comportar-se ante os supremos desígnios do Criador. Soube S. S. conservar uma serenidade incomum em meio aos mais dolorosos sofrimentos, que a ciência médica moderna, com todos os seus melhores recursos, não conseguiu aliviar.

Até os derradeiros instantes de sua preciosa existência o chefe supremo da Igreja dedicou seu pensamento à unificação dos credos e à paz mundial, num esquecimento admirável do seu próprio padecimento físico, como sempre tivera questão de proceder, desde que subiu ao trono de São Pedro, para edificação dos crentes e dos ateus, uns e outros sempre lembrados e contemplados por suas bênçãos apostólicas.

Personalidade extraordinária, com uma visão elevada das coisas e uma compreensão nítida do papel do Vigário de Cristo na terra, João XXIII foi realmente o bom pastor devotado às suas ovelhas, conseguindo, por sua humildade e seu amor ao próximo, galvanizar a opinião mundial e inscrever o seu glorio nome nas páginas da história universal como um autêntico líder estimado, prestigiado e ouvido.

Suas oito encíclicas — das quais as mais conhecidas são a "Mater et Magistra" e a "Pacem in Terris" — foram documentos que retrataram, com admirável sabedoria e proficiência, os mais variados problemas sociais e espirituais, mostrando com segurança os rumos que a humanidade desviada deveria seguir para não cair nos elevados destinos para os quais foi criada.

"Tendo saído da pobreza e da pequenez de Sotto il Monte, sempre procurei não me afastar delas. Que grande favor me prestou o Senhor: santas curas, padres exemplares, uma forte tradição cristã, uma pobreza feliz e tranquila". Este é um dos pensamentos inéditos do Santo Papa, divulgado pelo "Osservatore Romano".

Assim viveu ele, no mais alto e relevante trono a que uma criatura humana pode aspirar; nas mais nobilitantes e admiráveis funções que o homem pode almejar: chefe espiritual de meio bilhão de criaturas humanas; líder incontestado, pela força do seu amor e pela honestidade e sinceridade de suas lições e de sua pregação, por todos os países do mundo e, no entanto, sempre preso aos humildes porque sempre se considerou como o mais humilde dentre os humildes.

Glória eterna e descanso bem-aventurado à sua alma, porque João XXIII soube, como jamais se viu na terra, cumprir a sua relevante, sagrada e virtuosa missão no mundo. Que o Senhor o tenha em sua santa glória!

Esta é a homenagem da bancada do Partido Republicano Trabalhista.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre deputado Carlos Kherlakian, pela bancada do Partido de Representação Popular.

O SR. CARLOS KHERLAKIAN — (Sem revisão do orador) — Excelentíssimo e Reverendíssimo D. Antônio Maria Alves de Siqueira, digníssimo Arcebispo Coadjuutor de São Paulo, Excelentíssimo e Reverendíssimo D. Antônio Ferreira de Macedo, digníssimo Bispo Auxiliar do Eminentíssimo Cardeal Arcebispo de São Paulo e representante, também, Sua Excelência Reverendíssima

ma o Sr. Bispo de Taubaté, D. Francisco Borja do Amaral; Excelentíssimo e Reverendíssimo D. José Carlos de Aguirre, digníssimo Bispo Diocesano de Sorocaba; Excelentíssimo e Reverendíssimo D. Idílio José Soares, digníssimo Bispo Diocesano de Santos; Excelentíssimo e Reverendíssimo D. Paulo Rolim Loureiro, digníssimo Bispo Diocesano de Mogi das Cruzes; Excelentíssimo e Reverendíssimo Monsenhor Romeu Alberti, digníssimo Vigário Geral da Arquidiocese de São Paulo; Excelentíssimo e Reverendíssimo Monsenhor Luiz Gonzaga da Silva, digníssimo Representante de S. Excelência Reverendíssima, o Sr. Arcebispo de Botucatu, frei Henrique Trindade; Excelentíssimo e Reverendíssimo Cônego Eanes Cotias, digníssimo Representante de Sua Excelência Reverendíssima, o Bispo de Bragança, Dr. José Maurício da Rocha, Senhores representantes Cíveis, Autoridades Militares, Srs. deputados.

Ainda não são passados cinco anos da eleição do Papa João XXIII, vem a Igreja Católica de perder o seu grande chefe e o mundo essa figura ímpar de prelado que pregou a igualdade de direitos entre os homens, defendendo os humildes e sofredores.

Sua Santidade deixou aos fiéis de todo o mundo uma mensagem de fé e esperança nos destinos do homem, pois ninguém mais do que Ele acreditou na possibilidade de uma coexistência pacífica entre todos os povos, tendo, nesse sentido, desenvolvido grande parte de suas atividades.

A sua grande obra pontifícia que trará benefícios não só aos católicos, mas a todo o mundo civilizado, representa uma magnífica lição aos católicos, simplicidade e determinação que a todos nós deve servir e inspirar as nossas ações em nossos contatos humanos. As suas magníficas realizações são de tamanha grandiosidade que é cedo para conhecer dela todos os benéficos efeitos que se prolongarão ainda por longo anos.

O Concílio Ecumênico, convocado por Sua Santidade, objetivava, principalmente, propugnar pela unidade da fé, reunindo todas as igrejas cristãs e mais, segundo suas próprias palavras: "oferecer ao mundo indeciso, confuso e inquieto, sob a ameaça de novos e espantosos conflitos, uma possibilidade de pensamentos e propósitos de paz". Ao mesmo tempo a Igreja deveria esclarecer sua posição no plano político, econômico e social, internacional técnico e científico, já que "ela não se pode desinteressar dos problemas e inquietações terrenas". A vocação universal da Igreja Romana é consubstancial a direção do movimento em prol da unidade cristã, da expansão da doutrina cristã e da luta contra as ideologias ateístas.

Depois a Mater et Magistra, na qual João XXIII aprecia a recente evolução da questão social à luz da Doutrina Cristã. Nesta encíclica, que logo depois de publicada, se constituiu no documento pontifício mais importante e discutido em todo o mundo e por todas as classes, reafirmou Sua Santidade, tornando-a atual, a doutrina social da Igreja exposta por Leão XIII.

E Encíclica "Mater et Magistra" define, claramente, como limite da socialização uma concepção exata do bem-comum, isto é, o conjunto das condições sociais que permitem e favorecem o desenvolvimento da personalidade.

Sua Santidade, nesta ordem de idéias, deploreu o estado a que os trabalhadores, em muitas nações e continentes inteiros, estão sujeitos e as suas condições inumanas de vida.

Mas a Encíclica "Mater et Magistra" refere-se, expressamente, ao talvez maior problema da época moderna, isto é, o das relações entre as comunidades políticas economicamente desenvolvidas e as que se encontram em fase de desenvolvimento econômico: umas gozam de alto nível de vida e as outras estão em condições de escassez ou de miséria, afirmando a unidade indissolúvel da paz social e da universal.

Em abril deste ano, voltava o Sumo Pontífice a dirigir-se ao mundo, na Encíclica "Pacem in Terris", concitando a humanidade a abandonar a corrida armamentista, proibir os armamentos atômicos e conseguir um desarmamento controlado. Lembrando aos fiéis o dever de participar ativamente da vida pública, afirmando que é preciso ter competência científica, capacidade técnica e experiência profissional. Cumpre conciliar no íntimo a fé religiosa com a atividade temporal. Essa grande encíclica constitui, na realidade, não apenas a Súplica Teológica da Paz, mas a Magna Carta da Internacional Democracia, pois nela o Sumo Pontífice recomenda expressamente que se aperfeiçoem as estruturas da autoridade mundial constituída pelas Nações Unidas, e encarece a importância da Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada em 1948.

Eis, em breves e apagados traços, a descrição de alguns dos pontos altos da grande obra pontifícia de João XXIII, personalidade marcante da época contemporânea, não só o chefe de milhões de católicos espalhados por todo o mundo mas também o grande vulto que se impôs, por sua simplicidade, humildade, capacidade e amor ao próximo, ao respeito e admiração de todos os povos.

Estamos certos de que João XXIII, agora no lugar que lhe é destinado ao lado do Senhor, continuará a zelar pelo seu rebanho de fiéis, inspirando e iluminando os que aqui ficaram com a grande responsabilidade de dar seguimento à sua imortecorada obra pontifícia. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra, pelo Partido Republicano, o nobre deputado Jacob Zveibil.

O SR. JACOB ZVEIBIL — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Representantes da Igreja Católica, nenhuma notícia poderia causar tanta mágoa ao mundo em geral como essa da morte do Papa da bondade.

Desapareceu uma das vozes mais representativas e certamente a que maior influência exerceu num período tão conturbado como o que vivemos, a partir da última grande conflagração.

Só o tempo se encarregará de mostrar, em todas as suas dimensões, o vulto da obra realizada pelo Papa João XXIII para evitar que os povos se perdessem em conflitos irreparáveis, erguendo-se para defender os direitos da pessoa humana contra a violência e para reconduzir os homens à noção do equilíbrio e da paz.

Como líder da bancada do Partido Republicano, reconhecemos a sua atuação em prol do primado dos valores espirituais entre os homens e, especialmente, o seu paternal e constante carinho e interesse pelos destinos do Brasil.

Como israelita, não posso deixar de destacar o sentimento do Papa da bondade para com o judeu — uma fraternidade demonstrada pela ação pessoal do Papa João XXIII e, antes dele, pela dos Papas Pio XI e Pio XII.

Cumpramos-lhe, Sr. Presidente, o nosso mais respeitoso e profundo respeito, como o Papa Pio XI, em setembro de 1938, quando a brutalidade nazista ameaçava a existência física dos judeus na Europa, interrompeu sua leitura de um missal que lhes fora levado por peregrinos belgas, para declarar: "Notem que chamamos Abraão de nosso Pai, como nosso antepassado."

O anti-semitismo é incompatível com o sublime pensamento e a realidade expressos neste texto.

Intensificando a sua condenação aos nazistas, acrescentou o Pontífice: "Através de Cristo e em Cristo, somos a linhagem espiritual de Abraão. Espiritualmente, somos semitas".

Dessa maneira, demonstrou a sua amizade aos israelitas perseguidos, recordando aos católicos que eles e os israelitas, em espírito e fraternidade humana, formavam uma unidade.

Na sua Encíclica "Do Corpo Místico de Cristo", publicada em 1943, quando o ataque de Hitler atingia a sua culminância, o Papa Pio XII trouxe de novo à memória a responsabilidade dos católicos até mesmo em relação aos que não são da mesma fé.

Reconhecendo que a Igreja se interessaria por aqueles que fazem parte do mesmo núcleo de fé, sofrendo com os sofredores e afirmou: "Devemos também reconhecer como irmãos de Cristo, pela carne, chamados conosco para a salvação eterna, aqueles que ainda não fazem parte conosco do Corpo da Igreja".

Pela carne, quando os fiéis olham a face de Cristo, precisam ver também como seus próprios irmãos, os irmãos dele na carne, os judeus padecentes e perseguidos.

Mais de 1.200 sacerdotes foram encontrados apodrecendo no campo de concentração de Dachau, em 1945; inúmeros outros morreram, ali, entre 1933 e 1945.

O Papa João XXIII deu ênfase a essa mesma lição, quando abraçou 130 chefes de uma delegação de judeus em visita a Roma, dizendo-lhes: "Eu sou José, o vosso irmão".

O Papa da paz, o Chefe escolhido do catolicismo universal amou a humanidade, indistintamente, e a humanidade também indistintamente apreciou a sua sabedoria, sua piedade e sua bondade para com os povos angustiados.

João XXIII adotou uma atitude liberal em questões socio-econômicas; preocupou-se com a cooperação universal, programas de auxílio externo e com o uso pacífico da energia atômica. Tornou-se patente sua oposição ao totalitarismo e a toda forma de tirania.

Denunciou com veemência o anti-semitismo e, revendo o ensino da Igreja nas escolas paroquiais, as autoridades católicas iniciaram a tarefa de reparar séculos de molestamento aos israelitas.

A revisão feita pelo Papa João XXIII na parte relacionada aos israelitas mostrou o caminho nesse sentido.